

PRÁTICAS DOCENTES: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Ilma Gisele Gomes CORRÊA (G-UFFPA)

Elson de Menezes PEREIRA (UFFPA)

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência que propõe uma reflexão sobre a prática docente da autora relacionando-a as experiências como discente do curso de Licenciatura em Letras. São categorias abordadas no relato: o processo de formação para o exercício do magistério, valorização profissional e a relação professor/aluno. Como culminância o relato leva a entender que as dificuldades pelas quais professores enfrentam no desempenho de sua profissão não podem se tornar uma justificativa para abdicar do processo de formação do docente.

PALAVRAS-CHAVE: Docente. Formação. Valorização Profissional.

1 INTRODUÇÃO

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade. (ABREU & MASSETO, 1990, p.115)

Na jornada de docência temos a missão de educar, e aprender, de ensinar, de formar vidas; assim, o relato apresentado neste artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a prática da autora, relacionando-a as experiências como discente do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Ingressei no magistério por diversas razões; não havia grandes ofertas no mercado de trabalho para quem só terminava o Ensino Regular. A professora Marieta Gonçalves Gomes (minha mãe), já estava na educação desde 1958, onde tinha conseguido respeito e admiração pelos alunos, professores e sociedade. Seu exemplo motivou minha entrada para o exercício do Magistério, antes já trabalhava como balconista em uma farmácia, onde aprendi relacionar-me com o público, isso também contribuiu na comunicação em sala de aula, ouvindo e aprendendo com os alunos, essa experiência solidificou nossa amizade, ao ajudá-los era correspondida.

Atualmente, na maioria das escolas do município de São Sebastião da Boa Vista, somos privilegiados com professores graduados, especialistas, mestres ou em processo de alguma formação acadêmica, porém, nem sempre foi assim. Tornei-me professora regente neste município no ano de 1981, logo após concluir o curso Ginásio Normal na Escola Estadual “João XXIII”. Os professores chamados de normalistas (os que hoje têm o magistério), vinham de Belém do Pará e Bragança com a

finalidade de ministrar as aulas, estes eram mantidos pelos recursos financeiros da própria prefeitura local, em outras palavras, gastos com alimentação, deslocamento e hospedagem eram pagos sem nenhum tipo de desconto nos salários dos mesmos, em face da inexistência de profissionais habilitados para essas funções. O curso hoje seria basicamente o que consiste o Ensino Fundamental Maior, o que o diferenciava eram as disciplinas específicas: Fundamentos e Didática, ambas ministradas nas 7ª e 8ª séries, onde, na 7ª série, começavam os estágios de observação e, na 8ª série, os estágios de regência no Ensino Infantil e 1ª a 4ª séries.

Na disciplina de didática, além dos conteúdos eram confeccionados materiais didáticos (flanelógrafo, gravuras para apresentações de temas, quadro de pregas, olho vivo, jogos, etc...), para serem utilizados com os alunos nos estágios de regência (aulas ministradas pelos alunos do Ginásio Normal). Após a conclusão desse curso, era concedido ao aluno o direito de lecionar da pré-escola a 1ª a 4ª séries, pela carência do município.

Somente anos mais tarde foi implantado o Ensino de 2º Grau no município, para as áreas de Magistério e Administração. Das quais tenho a honra de fazer parte da 1ª turma a concluir o Magistério na Escola Municipal de 1º e 2º Graus Pe. José de Anchieta. Ainda neste período os professores vinham de Belém para ministrar as aulas nos cursos, todos graduados em suas respectivas áreas.

Como formação continuada participei em 1984 do “Treinamento de Professores Alfabetizadores dos municípios de Curalinho, Oeiras e São Sebastião da Boa Vista”, ofertado pela Universidade Federal do Pará, realizado na cidade de Curalinho com duração de aproximadamente um mês, para a implementação do CIAB (Centro Infantil de Alfabetização Boavistense). Se fazia necessário capacitar os envolvidos no processo inicial de ensino, desta feita, iniciei meus trabalhos como alfabetizadora, tendo como ponto de partida os conhecimentos adquiridos.

Após 27 anos atuando no Magistério é possível perceber que há avanços nesta área. Salta aos olhos o aumento significativo de professores licenciados, nas últimas duas décadas, porém ainda há desafios para a categoria como a luta por melhores salários e melhorias de espaço físico, das escolas (laboratórios, salas multifuncionais, bibliotecas).

Há ainda muitas mazelas dentro do processo, isso é perceptível principalmente no aprendizado dos alunos, já que se costuma ouvir de pessoas mais maduras que “o ensino mudou muito e que principalmente com relação a leitura, mas alguns alunos de 3º ano (ano do final do primeiro ciclo alfabetizador) ainda não conseguem nem mesmo reconhecer nosso alfabeto”, fato esse que infelizmente CORRÊA Ilma Gisele Gomes; PEREIRA Elson de Menezes. Práticas docentes: desafios e oportunidades. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

tem ocorrido em grande parte das escolas, isso causa uma inquietação frequente nos docentes. Hoje, normalmente os alunos são promovidos de uma série para outra com níveis muito diferentes de aprendizagem e desenvolvimento. Têm dificuldades escolares não superadas que comprometem o prosseguimento dos estudos, dificultando enormemente o trabalho docente.

Assim, apresento três grandes motivos pelos quais compartilho este relato de experiência docente: a importância da relação professor-aluno; a valorização dos alunos como pessoas capazes de transformar o mundo em que vivem e; mostrar que não devemos desanimar diante das dificuldades. É como diz Fernando Pessoa, em seu poema, “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Acredito na premissa que o processo educativo requer uma dedicação por parte dos sujeitos envolvidos no processo. É nessa perspectiva que se deve buscar um planejamento de ensino preocupado com as diferenças, propondo atividades alternadas que possibilitem a satisfação de necessidades básicas e a convivência social que muito auxiliarão os discentes no desenvolvimento das capacidades intelecto-sociais.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

Esta narrativa se insere num contexto histórico-profissional de atuação como professora 1^a a 4^a séries, hoje o ensino fundamental menor, tempo este onde na escola em que trabalhava não havia ainda coordenadores pedagógicos e também para ser remunerado com um salário mínimo, era necessário trabalhar 200h (DUZENTAS HORAS) por mês, motivo pelo qual decidi aceitar um pró-labore em uma turma de 3^a série do Ensino Fundamental.

Foi alguns anos depois que terminei o magistério, na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio “Pe. José de Anchieta”, localizada na sede do município de São Sebastião da Boa Vista, em um prédio de madeira, anexo ao prédio principal, a sala desta turma fazia parte desse espaço na instituição de ensino. Não tenho data precisa, mas acredito que tenha acontecido entre os anos de 1996 a 1997, porque o prefeito eleito em 1997 após assumir o cargo, passou a remunerar todos os funcionários municipais envolvidos no processo educacional com um salário mínimo por 100h (CEM HORAS).

A turma tinha 38 (trinta e oito) alunos, e após algumas semanas de aulas, partindo de atividades de leitura empreendida em sala de aula, verificou-se que 8 (OITO) alunos apresentavam dificuldades

relacionadas a leitura de textos, como, por exemplo, a identificação de informações explícitas no texto, fazer inferências no texto e conseqüentemente sua compreensão e interpretação.

O Sistema de Ensino determinava que se ensinassem conteúdos específicos das disciplinas básicas: Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais. Perguntava-me: como esses alunos iriam acompanhar a turma, conseguir compreender conteúdos programáticos, se ainda nem sequer conseguiam ler palavras simples. Não sabia o que fazer tudo o que conhecia como recursos, além dos materiais didáticos que aprendi confeccionar no curso Ginásial Normal e no Magistério, tais como os cartazes de rotina: calendário, janela do tempo, quantos somos hoje?, cartaz de pregas, flanelógrafo. Os métodos de alfabetização eram: palavração, sentencição, conto, fônico e eclético; todos aprendidos em um curso de “Técnicas de Alfabetização”, que participei na cidade de Curralinho, Estado do Pará, no ano de 1984.

Minha metodologia era utilizar o método eclético, onde juntava, um pouco do “Fônico” e dos demais, começava a ensinar o alfabeto salteado, ou seja, aproveitava as letras mais fáceis de escrever para juntar as vogais, aproveitando o apoio fonético do método fônico, formando sílabas através de musiquinhas como “*olhe lá Seu Serafim, essa letrinha faz assim com o A ela faz TA... TA... TA...*” e histórias como das letras que foram passear no sítio do vovô, quando foram brincar o “V” com o “A” cantavam “VA”, assim até juntar com todas as vogais, depois da compreensão das sílabas formavam-se palavras novas, seguido das sentenças e finalmente a pequenos textos.

Porém, essas crianças não se adaptaram à essa metodologia aplicada, pois já estavam cansadas disso, visto que se tratava de uma prática utilizada por alguns professores. Fez-se necessário refletir sobre o que fazer e buscar um novo caminho. Compartilhei esta situação com uma das professoras da referida escola, Sra. Raimunda Serrão. Ela havia terminado sua graduação e aconselhou-me a tentar a leitura com cantigas de roda conhecidas pelos alunos. Começa aqui a primeira tentativa; a metodologia consistia em trazer escrita a música em uma cartolina, como: “*não atire o pau no gato*”. A condição didática dessa atividade é saber o que está escrito para descobrir onde está escrito.

A proposta era realizada individualmente ou em duplas, a professora solicita que os alunos encontrem certas palavras, pede-se que todos os alunos leiam um verso para achar determinada palavra; durante a atividade, a professora deve andar na sala a fim de acompanhar o desenvolvimento dos alunos, observando como estão se saindo e solicitando individualmente que uma criança encontre/identifique uma determinada palavra na música; perguntando, por exemplo, *onde está a CORRÊA Ilma Gisele Gomes; PEREIRA Elson de Menezes*. Práticas docentes: desafios e oportunidades. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

palavra “gato”? quando a criança identifica a palavra corretamente a professora pede uma justificativa, *“começa com G”*, quantas letras tem? *Vamos contar?* As perguntas são feitas a vários alunos, depois convida um a um para proceder a leitura da música, sempre que possível intervindo nas dificuldades específicas. Essa metodologia obteve sucesso com sete alunos dos quais apresentavam dificuldades.

Faltava ainda um aluno com o qual esta metodologia não deu grande resultado. Ao compartilhar minha preocupação, desta vez com a professora Marieta Gonçalves, também já formada e que trabalhou durante muito tempo como alfabetizadora. Tive como resposta que devemos descobrir algo que o aluno gostasse, além de “valorizar os conhecimentos já adquiridos por ele”.

O próximo passo foi ir ao encontro deste aluno, ao visitar sua família para conhecer seus pais fui informada que este havia sido adotado, aqui mesmo no município de São Sebastião da Boa Vista. Os familiares o consideravam muito esperto, inteligente e trabalhador, pois vendia linguiça de porco caseira com a finalidade de ajudar nas finanças de casa e trazia sempre o dinheiro de maneira correta, apesar de ter somente 10 anos de idade. Na sala, nas aulas de matemática, sempre era o aluno “número 1”, essa aula era importante para ele, pois fazia parte da prática de vida dele. Quando fazia as vendas sabia dar o troco certo, logo conhecia noções monetárias de valor por conhecer as cédulas e moedas; sabia os números, somar e subtrair como nenhum outro aluno daquela sala.

Faltava então o desafio de buscar em sua vida algo realmente relevante, ao ponto de interessar-se em aprender a ler, querer saber o que estava escrito em algum lugar, este seria o grande desafio de nossas vidas, na minha e na do aluno. Continuei as visitas na residência e em uma dessas visitas observei os quadros do time de futebol paraense Paysandu Sport Club, de vários campeonatos ganhos. Ao fazer a sondagem de quem eram os torcedores daquela casa, consegui uma informação importante, o aluno era um torcedor apaixonado pelo time, mesmo sem conhecer a discussão sobre gênero textual e sua contribuição para os processos de ensino aprendizagem (BRASIL, 1997; MARCUSHI, 2008) poderia ser explorado pelos professores, iniciei uma nova tentativa trabalhando com recortes de jornal.

Era algo novo, porém não impossível de realizar, levei recortes de jornais da página de esportes, com reportagens específicas desse referido time, nesse dia sugeri que a leitura seria realizada no jornal, o nome Paysandu estava em destaque na reportagem, ao fazer a pergunta sobre quem sabia o que estaria escrito no jornal, qual seria aquela palavra, o aluno levantou a mão e disse prontamente: - Paysandu! Seus olhos brilhavam, finalmente ele lia sua primeira palavra na sala.

CORRÊA Ilma Gisele Gomes; PEREIRA Elson de Menezes. Práticas docentes: desafios e oportunidades. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

Ao observar que o nome era conhecido por ele em qualquer lugar, então separei as sílabas do nome do time, depois juntava novamente, para formar novas palavras, com esse exercício, o aluno foi apropriando-se da leitura, a nova prática continuou com os nomes dos jogadores, o hino do time, foi trabalhado da mesma forma, que as cantigas já conhecidas pelos alunos, pois o mesmo já sabia cantá-lo. Naquela época não tinha conhecimento de como trabalhar com textos, nem projetos, porém o processo aconteceu durante aquele ano letivo, uma semana com letra de cantiga de roda e outra semana com reportagem de esportes.

3 REFLEXÕES SOBRE PRÁTICA E A TEORIA

Ao desenvolver reflexões iniciais sobre a prática docente relacionando-as experiências discentes do curso de Letras, no interior do Programa Nacional de Formação Docente (PARFOR), implementada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), fui tomada pelo desejo de compartilhar dificuldades e descobertas com os demais colegas educadores envolvidos no processo de ensino. Apesar de naquele momento desconhecer o ensino por meio de textos gêneros, signos, significados. Tem sido necessário seguir um trajeto de leituras que, me possibilitem refletir a prática docente, tendo em vista suas implicações sociais, psicológicas e pedagógicas.

Hoje tendo relações com estudos realizados por professores empenhados sempre na melhoria do ensino da Língua Portuguesa, na formação dos nossos alunos, analisando leituras feitas no curso de letras pelo PARFOR/UFPA, reconheço o quanto foi importante valorizar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, ou seja, estes alunos já possuíam capacidades em muitos aspectos de suas vidas, inclusive no seu conhecimento de mundo.

Para se aprender a ler é preciso que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler, com os textos de verdades, portanto os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler, não são bons para aprender a ler, tem servido apenas para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura. (BRASIL, 1997, p.56)

Dessa forma, vê-se a necessidade de possibilitar aos alunos várias metodologias para explorar diferentes textos com alternadas formas para incentivar o hábito de leitura de acordo com os lugares sociais, em que estão inseridos. Para Carlos Libâneo (1984) o trabalho docente não deve ficar restrito as paredes de sala de aula, sem preocupação com a prática da vida cotidiana, trabalho, respeito, relacionamento, disciplina, atividades, hábitos conhecimentos das crianças, jovens e adultos.

Para Marcushi “[...] um bilhete, uma carta pessoal e uma listagem são importantes para todos os cidadãos, mas uma notícia de jornal, uma reportagem e um editorial são gêneros menos praticados pelos indivíduos, mas lidos por todos”(MARCUSHI, 2008, p.206). Ao detectar a necessidade que a turma apresentava, em face da ausência do hábito de leitura e dificuldades de interpretação de texto, esta docente foi desafiada a apropriar-se de novas práticas, condizentes com os lugares sociais e desejos discentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação docente é desafiadora no processo de ensino aprendizagem, é importante que o professor comprometido com a aprendizagem do aluno, possa ajudá-lo a resgatar-se, a superar-se cognitivamente e faça acontecer um avanço em direção ao saber que a escola precisa socializar. Para tanto, “Relatar a prática é, portanto, a melhor maneira de reconhecer as dinâmicas e tensões do processo de ensino aprendizagem” (BRITO, *cit. in* GURGEL, 2016, p. 6).

A mudança na prática docente apresentada no relato foi uma reflexão sobre a quem cabe, como resolver o problema encontrado e como conseguir superar dificuldades, sabemos que “nossas realidades podem ser diferentes, porém nossos desafios muitas vezes são os mesmos, por isso é útil conhecer como um colega enfrentou um desafio, resolveu uma questão e saber os instrumentos que usou para promover a aprendizagem” (ALTENFELDER, *cit. in* GURGEL, 2016, p. 9)

O professor precisa ter clareza no trabalho que desenvolve, por isso é fundamental seus alunos, suas diferenças, necessidades culturais e individuais para que, orientado por uma substancial formação teórica possa mediar processos de ensino e aprendizagem eficazes.

Neste contexto a licenciatura em letras deslinda e reforça, nesta pesquisadora, o olhar diferenciado para textos, gêneros diversificados, uso de tecnologias como ferramentas pedagógicas condizentes com o mundo onde estão vivendo, e reforça a convicção de que é possível compreender que as dificuldades pelas quais os professores enfrentam no desempenho de sua profissão não podem se tornar uma justificativa para abdicar do processo de formação docente e implementação de práticas inovadoras.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa - ensino 1º a 4º série.** Brasília: MEC, 1997.

LIBÂNEO, José C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1984.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual análise de gênero e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ABREU, Maria C e MASETTO, M.T. **O professor universitário em aula.** São Paulo: Editores Associados, 1990.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa – Obra Poética.** Poema: Mar Português. 7ª edição. Rio de Janeiro. Nova Aguilar: 1997.

GURGEL, Luiz Henrique. **Relato de prática: o que escrever? como escrever?** Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formação/na_prática/orientação_para_relatos/artigo/660/realato_de_pratica_o_que_escrever_como_escrever> Acessado em: 13.05.2016.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** Tradução LOPES, Maria Zilda da Cunha. 15ª edição, São Paulo. Cortez: 2008. Pág. 30.

